

FACO – FACULDADE DE TECNOLOGIA
CRUZEIRO DO OESTE

JOYCE ROBERTA DA PAZ

**O PAPEL DO PEDAGOGO HOSPITALAR NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA E
ADOLESCENTE.**

CRUZEIRO DO OESTE

2020

**O PAPEL DO PEDAGOGO HOSPITALAR NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA E
ADOLESCENTE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de graduação Pedagogia como parte
integrante dos requisitos para a obtenção do
diploma de graduação em Pedagogia.

Aluna: Joyce Roberta da Paz

Orientadora: Marcilene Schorro de Oliveira
Gianini.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me guia e me deu a sabedoria necessária para conseguir realizar este estudo.

Agradeço a toda minha família, ao meu esposo e minha filha pelo apoio constante durante esses 4 anos.

Agradeço a todos os professores, que com muita dedicação se propuseram a dividir seus conhecimentos, fundamentais para minha formação quanto Pedagoga.

Agradeço ainda, a todos os colegas de turma, dividimos dúvidas, partilhamos juntos, grandes momentos que ficarão marcados por toda minha vida.

Agradeço a Direção e a Coordenação Pedagógica da Faco, bem como, agradeço a minha orientadora, Marcilene Schorro de Oliveira Gianini pelo profissionalismo dedicado, não só a mim, mas para com todos os alunos.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
2.1 2.1 História da Pedagogia Hospitalar	8
2.2 O Professor da Classe Hospitalar	9
2.3 A atuação do Pedagogo Hospitalar.....	11
3. Os espaços de aprendizagem no ambiente hospitalar.	13
4. Algumas práticas Educativas no Ambiente Hospitalar	14
4. Considerações finais.....	17
5. Referências bibliográficas	18

Resumo:

A realização deste estudo tem como objetivo apresentar a importância que o trabalho do pedagogo tem para no desenvolvimento de uma criança que se encontra hospitalizada, e a relatar a importância de um espaço apropriado para as atividades desenvolvidas. A pedagogia hospitalar esta cada dia ganhando espaço na sociedade, tanto na área da educação como área da saúde. A criança ou adolescente que está hospitalizado é obrigatoriamente afastado do ambiente escolar, devido sua enfermidade. O Pedagogo Hospitalar atua auxiliando na continuação de seu aprendizado, sendo também um apoio às famílias. O contato do Pedagogo Hospitalar com a criança ou adolescente internado, bem como, com a família, ajuda não só no que se refere à área da Educação, ou seja, não se refere apenas ao auxílio nas atividades escolares. O Pedagogo Hospitalar, através de sua atuação contribui para manter o emocional da criança ou do adolescente, de forma equilibrada, ajudando assim, um avanço em seu tratamento, tornando sua permanência no hospital mais suportável. A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica realizada em livros, sites educacionais e artigos já publicados de autores renomados, tais como: Matos e Mugiatti (2008), Goldenberg (2007), Fontes (2005), Fonseca (1999), Vygotsk (2001), entre outros.

Palavras-chave: Pedagogo; educação; hospitalar; criança, adolescente;

1.Introdução

A educação é um direito de todos, independentes de sua situação financeira, localidade, etnia, entre outras características. Muitas crianças e adolescentes que, por alguma enfermidade são obrigados a se afastar das salas de aula por necessitarem ficar por um período de internação hospitalar. Mediante esta situação, o presente estudo buscará apresentar o papel do Pedagogo Hospitalar na aprendizagem da criança e do adolescente.

Antigamente acreditava-se que a escola era o único espaço onde ocorria o processo de ensino aprendizagem, porém, com o tempo este pensamento foi se modificando, pois, a educação acontece em vários ambientes não formais, tais como, igrejas, espaços de lazer, centros culturais e inclusive no próprio ambiente familiar. O campo de atuação do Pedagogo é muito amplo, segundo Libâneo (1998, p. 42-44) “[...] em todo lugar no qual existir uma prática educativa com caráter de intencionalidade, existe a Pedagogia”. A profissão de Pedagogo Hospitalar vem ganhando espaço na área hospitalar visto sua importância, não só na continuação das atividades escolares junto às crianças e adolescentes, mas também, sua contribuição no contato e orientação das famílias.

Estudando sobre o referido tema, surgiu-nos a seguinte problemática: As crianças e adolescentes hospitalizados estão recebendo este atendimento? Os hospitais oferecem o atendimento do Pedagogo hospitalar as crianças e adolescentes hospitalizados?

Partindo deste contexto este estudo tem como objetivo geral descrever “A importância do profissional Pedagogo Hospitalar atuando na educação em espaços hospitalares”.

A realização deste estudo tem como objetivos específicos, apresentar a importância do trabalho realizado pelo pedagogo no desenvolvimento do aprendizado de uma criança/adolescente que se encontra hospitalizado, e a relatar a importância de um espaço apropriado para as atividades desenvolvidas tais como; jogos recreativos, teatros com fantoches, livros para leitura etc.

Muitas crianças perdem o ano por estarem fora da escola, e hospitalizadas, o pedagogo neste espaço tem papel fundamental dentro da educação, pois, será através do trabalho do pedagogo hospitalar que a criança ou adolescente poderá

desenvolver suas atividades escolares no período em que estará hospitalizada, sem prejudicar seu ano letivo.

A metodologia utilizada para a realização deste estudo será a pesquisa bibliográfica, que, segundo Gil (2002) "A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos", assim, será realizado pesquisas em livros, sites educacionais, artigos já publicados e outros.

2. Fundamentação Teórica

2.1 História da Pedagogia Hospitalar

Os primeiros indícios de trabalhos de pedagogos na área hospitalar ocorreram aproximadamente no século XX na França após a Segunda Guerra Mundial. Neste período, devido à violência da Guerra, muitas crianças e adolescentes que estavam na fase escolar se feriram, e assim, ficaram impedidos de frequentar a escola, sendo obrigados a ficarem hospitalizadas por um longo período. Com o intuito de ajudar essas crianças e adolescentes, Henri Sellier, na época, prefeito de Suresnes, criou as classes hospitalares, assim, poderiam continuar seus estudos no hospital. Esta atitude foi ganhando adeptos, colaboradores, tais como, médicos, religiosos e outros voluntários que simpatizaram com a causa e assim, a ideia foi sendo difundida e vários outros países aderiram à classe hospitalar, tais como: Alemanha e os Estados Unidos.

Mas foi somente no ano de 1950 que o Brasil passou a prestar este atendimento através do Hospital Municipal Jesus, localizado no Rio de Janeiro. Entretanto, segundo pesquisas, existem relatos que no Brasil Colônia, na Santa Casa de Misericórdia, este tipo de acontecimento já acontecia.

No ano de 1995 a Legislação Brasileira, através da Resolução nº 41, reconheceu a classe hospitalar, e em seu item 9, destaca que a criança ou adolescente hospitalizado deverá ter o "direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar". (BRASIL, 1995). Além desta

resolução, várias outras Leis foram criadas, tais como: a Constituição Nacional (BRASIL, 1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), que é um importante documento que trás em seus incisos, os direitos da criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, 1996), todas elas, dentre outros direitos, assegurando o direito a Educação, e demais necessidades especiais dos educandos, inclusive, o atendimento educacional em períodos de internação.

2.2 O Professor da Classe Hospitalar

O professor que atua na pedagogia hospitalar tem formação de educador e, por meio de diversas atividades pedagógicas, promove a continuidade do processo educativo.

Segundo a professora e doutora Matos (2005), o profissional que tem a intenção de atender a essa educação hospitalizada necessita ter uma formação especializada e diferenciada, bem como o trabalho envolve o emocional diante de algumas situações que encontram no hospital.

Devido à situação da criança/adolescente, está vivenciando, no caso, o período de internação e o afastamento de sua rotina escolar, além da preocupação com a saúde física, os pais acabam por sofrer também se preocupando com os estudos de seus filhos. Já as crianças e os adolescentes, devido a situação, se sentem desestimulados a estudar, sofrem com o afastamento e ficam desanimados em realizar suas atividades sozinhos. E é neste contexto, que o papel do Pedagogo hospitalar se desenvolve.

Para Fonseca (1999), é necessário que esse profissional tenha destreza, discernimento e flexibilidade para atuação de sua função.

Mesmo que o atendimento pedagógico educacional em hospitais não requiera formação específica, essa atividade requer profissionais com destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, moveis, mutantes constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança sob atendimento (Fonseca, 1999, p. 127).

O professor, como bom educador deve sempre se capacitando, buscando se especializar e se aprofundar ainda mais em tudo que se refere a sua profissão, a

nossa sociedade esta em constante mudança e surge então a necessidade do educador acompanhar seu ritmo buscando sempre uma nova formação. Para as autoras:

Inovar, abrir novos caminhos nunca foi tarefa das mais fáceis. A grande dificuldade daquele que ousa buscas o novo não esta nos percalços do devir, mas no forte enraizamento diante de outros mais abrangentes (Matos e Mugiatti, 2009, p.23).

O professor que atua em classe hospitalar deve sempre estar integrado não apenas a criança, devem estar em contato também junto à equipe de saúde, ter o conhecimento do quadro clínico patológico do seu aluno/paciente, com todas essas informações em mãos, seu atendimento será mais amplo e assim terá melhores possibilidades de planejar suas estratégias de ensino de uma forma flexível e diversificada dentro da capacidade desse aluno para execução.

É importante também criar um vínculo afetivo e amistoso com seus pais ou responsáveis, muitos pais veem a figura do professor como um psicólogo com quem podem conversar e até mesmo desabafar.

Este fato se da confirmação quando, Fontes (2005, p. 125), frisa em seu artigo que "O ofício do professor no hospital apresenta diversas interfaces" (política, pedagógica, psicológica, social e ideológica).

A autora fala que é importante ter outra pessoa para se compartilhar a dor, muitos pais não possuem estrutura emocional para lidar com a situação, as estruturas familiares são diversas, filhos de pais separados, mães solteiras, crianças criadas pelos avós, dentre outros. Diante dessas situações, ter alguém com quem dividir aflições, compartilhar sentimentos, ou mesmo, sentir-se apoiado neste momento de dificuldade é fundamental, assim o processo de internação se torna menos traumático, o que e possível através do diálogo e de uma escuta atenciosa.

Ceccim (1997) propõe o termo de escuta pedagógica entendendo que a palavra escuta diferencia-se da palavra audição, segundo autor:

O termo escuta provém de psicanálise e diferencia-se da audição se refere à compreensão de vozes e sons audíveis, a escuta se refere a apreensão / compreensão de expectativas e sentidos, ouvindo através das palavras lacunas do que é dito e os silêncios, ouvindo expressões e gestos, condutas e postura . A escuta não se limita ao campo da fala ou do falado, ao contrário, busca perscrutar os mundos interpessoais que engendram nossa singularidade (CECCIM, 1997, p.31).

É importante lembrar que acima desse olhar diferenciado que incorpora a escuta pedagógica se estabeleça uma relação de confiança com a criança ou adolescente hospitalizado, além disso, o diálogo é um elemento principal e fundamental no processo educativo na reflexão feita por Fontes (2005), as “escutas” dentro de um ambiente hospitalar se diferenciam. Segundo ela:

A escuta pedagógica diferencia-se das demais escutas realizadas pelo serviço social ou pelo psicólogo no hospital, ao trazer a marca da construção do conhecimento sobre aquele espaço, aquela rotina, as informações médicas ou aquelas doenças, de forma lúdica, e ao mesmo tempo, didática. Na realidade, não é uma escuta sem eco. É uma escuta da qual brota o diálogo, que é a base de toda a educação (FONTES, 2005, p. 123).

A escuta pedagógica marca o diálogo não somente como forma da criança se expressar seus sentimentos, mais também organizar suas ideias.

2.3 A atuação do Pedagogo Hospitalar

Partindo do que se propõe na proposta da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (MEC, 1996) é a de que toda criança disponha de todas as oportunidades possíveis para que os processos de desenvolvimento e aprendizagem não sejam suspensos, o papel do Pedagogo Hospitalar é fundamental neste processo.

A primeira ação que o pedagogo deve ter com a criança hospitalizada é fazer um estudo de caso sobre a situação da saúde do paciente. Pode-se fazer isto através do prontuário ou em conversas com a equipe hospitalar.

Para Matos e Mugiatti (2012, p. 73), “o conhecimento da realidade da criança/adolescente hospitalizado e as medidas preventivas que se façam necessárias são, portando, pontos determinantes também do ato pedagógico que vai se delinear a partir desse aspecto”.

A criança/adolescente em seu período de internação, além de preocupar-se com sua enfermidade e o tempo que ainda deve permanecer no hospital, preocupa-se com o atraso de suas atividades, e assim, surge o medo da repetência. O pedagogo hospitalar deverá desenvolver suas ações direcionadas ao:

[...] estímulo e continuidade dos seus estudos a fim de que não percam seu curso e não se convertam em repetentes, ou venham a interromper o ritmo de aprendizagem, assim, dificultando, conseqüentemente, a recuperação de sua saúde (MATOS; MUGIATTI, 2012, p.68)

Por isso a pedagogia hospitalar foi criada, para atender as crianças que ficam hospitalizadas e fora da escola, dando-lhes a oportunidade um atendimento diferenciado de aprendizagem. O papel do professor pedagogo deve estar associado com seu propósito inicial de suprir as necessidades educativas das crianças e adolescentes nos hospitais, dando-lhes suporte educacional e emocional para que todas as atividades sejam realizadas, suprimindo todas as suas dificuldades respeitando o ritmo e as enfermidades de cada aluno.

O pedagogo deve realizar diariamente visitas nas enfermarias com o intuito de descobrir se houve novas internações e atualizar-se sobre o período de internação das para assim planejar as atividades.

Além disso, o pedagogo poderá solicitar aos acompanhantes, que participem das atividades, fazendo com que assim, aja uma interação maior entre o aluno, o acompanhante, o familiar e o pedagogo. O intuito é também levar a eles um pouco de distração, esperança, confiança, alguns passarão ou estão passando por grandes traumas, sofrem pelo distanciamento de seus familiares, outros filhos, dentre outras ocasiões.

Em relação às avaliações pedagógicas nestas situações, estas não devem pautar-se em notas, mas sim na observação de modo contínuo, cujos registros do desempenho do aluno são os relatórios. Conforme Fonseca (2008, p.53);

Sabemos que a avaliação de qualquer trabalho, não se excluindo daí aquele desenvolvido nas escolas hospitalares, é um processo que está presente no transcórrer de todos e qualquer atividade desenvolvida, e não apenas ao seu final, como que apenas checando o que a criança for capaz de reter, e que poderia ser erroneamente considerado como o real conhecimento por ela adquirido.

Ou seja, a avaliação, diferente do ambiente escolar, que a avaliação baseia-se em notas, será mediante seu desenvolvimento em relação a tudo que foi realizado durante seu período de internação.

Os atendimentos dos pedagogos também podem ser realizados a domicílio para os indivíduos, de qualquer idade que possuem os recursos e condições de realizar o tratamento em sua residência. Esses atendimentos são providenciados através da parceria entre os órgãos da Saúde e da Assistência Social, que preparam os equipamentos adequados para cada paciente de acordo com suas especialidades e necessidades, como, cama, mesa adaptada, cadeiras de roda etc. São providenciados também os recursos pedagógicos que serão disponibilizados aos educandos pelo professor.

Após a alta hospitalar, o pedagogo envia um relatório descritivo das atividades que foram realizadas com o aluno durante seu período de internação, bem como, seu desempenho, postura adotada, dificuldades apresentadas. Depois, para isso ser válido é necessário o carimbo e assinatura do diretor a fim de encaminhá-lo a escola de origem.

3. Os espaços de aprendizagem no ambiente hospitalar

No período de internação, dependendo da patologia da criança/adolescente, este necessita ficar muitas horas no seu quarto de internação para receber seu tratamento adequado. A permanência no mesmo local, muitas vezes se torna cansativo e estressante e a mudança de ambiente se torna necessária e urgente. Assim, outros ambientes se fazem necessário. É importante que no ambiente hospitalar exista outros espaços nos quais o paciente se sinta acolhido e consiga se desvincular um pouco da sua rotina atual, tais como, uma biblioteca, uma sala de vídeo ou mesmo, uma brinquedoteca.

A brinquedoteca é um espaço que necessita da contribuição e auxílio do pedagogo. Segundo Paula et al (2007, p.3)

A brinquedoteca no hospital configura-se como um espaço preparado para estimular a criança a brincar, permitindo o acesso ao ambiente lúdico e uma diversidade de brinquedos, com a possibilidade do apoio de um profissional que anime e faça a mediação dessas situações de brincadeiras.

Ou seja, a brinquedoteca é um espaço no qual poderão se distrair, esquecer, mesmo que momentaneamente, da situação em que estão vivenciando, poderão brincar e interagir com outros internados. O pedagogo poderá utilizar a

brinquedoteca com um ambiente também de aprendizado, pois brincando também se aprende.

Os brinquedos e as brincadeiras proporcionam às crianças que sofrem por estarem hospitalizadas, um melhor desenvolvimento e recuperação, e o pedagogo com sua contribuição oferece suporte ao indivíduo utilizando o lúdico como uma ferramenta indispensável para a melhoria e avanço escolar dessas crianças, concebendo ao mesmo, um período de internação mais leve e saudável.

A interação nestas situações é extremamente importante, a criança ou adolescente deve sentir-se sempre apoiado e estimulado, a maioria não possuem maturidade para enfrentar a situação, assim, o apoio de um adulto em quem confie é fundamental. Rodrigues (2012, p. 60) ressalta que:

Importante é fazer com que o aluno não se sinta sozinho, pois todos nós sabemos que o ser humano não foi feito para viver isolado do mundo, e por isso, precisamos interagir com as outras pessoas. E são essas relações que fazem o ser humano crescer e desenvolver, e principalmente, no caso das crianças e dos adolescentes, o desenvolvimento de percepção, cognitivo, motor, comunicação e afetivo. Por isso, faz-se importante a presença não só dos pais e de outros familiares, mas também a do educador, sempre mostrando que todos estão ao seu lado.

O pedagogo deve ter um olhar sensível, certa habilidade e flexibilidade para adequar-se a partir da necessidade do aluno. Está garantido por lei o ensino aprendizagem dos alunos enfermos enquanto estiverem no período de internação.

4. Algumas práticas Educativas no Ambiente Hospitalar

As práticas educativas dentro de um hospital vão a partir de ações que articulam o brincar e o aprender, por algumas situações que despertam a curiosidade e o desejo, a atenção e a criatividade.

É no brincar que a criança da asa a imaginação e adquire a capacidade de se divertir criando coisa, isso é extremamente importante e saudável para o tratamento que a mesma está passando e também pode favorecer o seu desenvolvimento físico e emocional.

Desta forma também passam aprender e ficam menos triste, quando há esse tipo de atendimento em hospitais, faz com que o tempo da criança hospitalizada passe mais rápido e nem percebam.

Para isso é necessário que a criança tenha passe livre dentro do hospital, que as crianças assistam TV, brinquem, se divirtam com jogos e brincadeiras, brinquedos eletrônicos também são válidos como: celular, vídeo games entre outros.

Infelizmente sabemos que poucas instituições públicas possuem estas adequações necessárias e importantes no desenvolvimento das atividades citadas acima, mesmo estes, sendo direito da criança/adolescente ter esse acompanhamento.

Para a implantação de uma Brinquedoteca é necessário levar em consideração o espaço que será destinado para as atividades e oferecer vários recursos, tais como: mesas apropriadas, brinquedos diversos e adequados às faixas etárias das crianças atendidas, livros, revistas e outros.

Outro aspecto que contribui para a criança querer participar é o que Matos e Mugiatti (2008, p. 153) apontam como fundamental:

Por meio das instalações, como móveis, a decoração, a distribuição e organização dos brinquedos, as crianças queiram brincar e tenham a liberdade de escolha e de expressão, seja individualmente ou em grupos. Deve ser altamente criativo, de maneira que a criança possa até esquecer que está em um hospital.

É importante também que o ambiente seja um espaço agradável, alegre, onde se possam desenvolver brincadeiras e atividades lúdicas que envolvam as crianças de modo a fazer com que todos participem, pois algumas crianças, por timidez ou outros, ficam sem querer participar, preferem brincar sozinhos sem interagir com os outros pacientes ou mesmo com os educadores. É necessário que aconteça todo um trabalho de adaptação e interação ao ambiente, assim, com o tempo, todos participarão com prazer.

Neste sentido, cabe ao profissional conquistar e saber ganhar a confiança da criança e tornar suas atividades propostas, atrativas ao gosto da criança e assim, chamar sua atenção.

Como podemos notar, o hospital é um espaço de reabilitação da saúde, porém, também pode ser um ambiente educativo.

Quando se fala em hospital a primeira referencia que nos vem à mente é de que se trata de um ambiente frio e cheio de tristeza, é um cenário onde muitos nascem através de atendimentos gerados ali, porém, também, muitos morrem em decorrência de algum problema de saúde e outros.

O hospital é estruturado não para ver o paciente como ser humano em sua natureza complexa, mas para tratá-lo de forma idêntica, fragmentária e especializada, uniformizando e numerando tudo e todos. O atendimento é despersonalizado e desumanizado em nome da tecnologia e competência científica. Tudo isso instaura um processo de destituição subjetiva dos pacientes, cujo efeito é paradoxal: aquilo mesmo que cura acaba também, por adoecer, já que esta dessubjetivação representa uma situação de risco para a saúde (FORTUNA, 2007, p.37).

Nesse sentido, muitos pacientes se sentem inseguros durante a hospitalização, a mudança na sua rotina de vida, a expectativa da recuperação entre outros traumas que uma hospitalização pode acarretar. Quando o paciente se trata de uma criança a responsabilidade dos profissionais é ainda maior, a hospitalização pode se tornar uma experiência traumática para a criança.

Estudos apontam que atualmente como diz Viegas (2008), Matos e Mugiatti (2008), que os espaços hospitalares também são espaços de brincar e de desenvolvimento educativo não só apenas de cuidados de saúde. Esses autores afirmam que um espaço como a brinquedoteca contribui para a saúde junto com a educação:

Segundo Goldenberg (2007, p.86),

O brincar na sociedade contemporânea, nasce como oportunidade para o resgate dos nossos valores mais essenciais; como potencial da cura psíquica e física; como forma de comunicação entre iguais e entre as várias gerações; como instrumento de desenvolvimento e ponte para a aprendizagem; como possibilidade de resgatar o patrimônio lúdico cultural dos diferentes contextos socioeconômicos. Por meio do brincar a criança consegue manter viva e ativa a sua história de vida, dando vazão ao seu mundo interno, externalizando emoções e sentimentos que colaboram para a sua recuperação.

Brincando a criança desenvolve várias habilidades, esquece, mesmo que momentaneamente seus problemas e até mesmo suas dores. Diante deste contexto, a implantação de brinquedotecas nos hospitais foi um recurso importante no tratamento de crianças hospitalizadas. Com a Lei Nº 11.104, de 21 de Março de

2005, tornou-se obrigatório que todos os hospitais, que ofereçam atendimento pediátrico, implantassem brinquedotecas em suas dependências.

5. Considerações Finais

Analisando tudo que foi pesquisado para a elaboração deste estudo a respeito da Pedagogia Hospitalar, foi possível perceber a importância do Pedagogo atuando na área hospitalar, na área da saúde. A Educação é um direito de todos, amparado pela Constituição Federal de 1988, e, os profissionais da Pedagogia Hospitalar, dentre outras funções, garantem esse direito ao indivíduo que está na fase escolar, mas que, por alguma enfermidade, encontra-se internado sem a possibilidade de frequentar a escola.

Além disso, o Pedagogo hospitalar realiza um trabalho social junto às famílias. Na maioria das vezes as famílias se encontram em fragilidade emocional e o pedagogo contribui neste contexto de humanização hospitalar procurando ser um auxílio a família sempre que necessário.

Observou-se ainda, que um Pedagogo Hospitalar, como em todas as outras profissões, necessita ser ético. Os ambientes em que atua lidam com situações que exige do profissional, tanto sua capacidade intelectual, mental, quanto também emocional, o profissional deve criar e desenvolver com o paciente internado, uma relação de confiança, respeito e troca, assim o aprendizado ocorrerá de forma mais agradável e satisfatória.

Nas situações em que a criança ficará internada por um período prolongado, será o pedagogo hospitalar o responsável por torna o hospital em um ambiente de aprendizagem, dando continuidade as atividades da criança ou do adolescente, para que assim, ao terminar o tempo de internação, este tempo afastados da escola, não os prejudique.

O contato do Pedagogo Hospitalar com a criança ou adolescente internado, bem como, com a família, ajuda não só no que se refere à área da Educação, ou seja, não se refere apenas ao auxílio nas atividades escolares. O Pedagogo Hospitalar, através de sua atuação contribui para manter o emocional da criança ou do adolescente, de forma equilibrada, ajudando assim, um avanço em seu tratamento, tornando sua permanência no hospital mais suportável.

Neste sentido, e por tudo mais que foi apresentado neste estudo, conclui-se que o Profissional Pedagogo Hospitalar é essencial, e sua presença nos hospitais são de extrema importância, pois sua atuação junto a família e principalmente, junto as crianças e adolescentes internados trás muitos benefícios e auxilia na recuperação da saúde, bem como, os ajuda a dar continuidade aos estudos evitando atrasos em sua educação escolar.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em:. Acesso em 2 de mai 2017.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996.

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei Federal 8069 de 13/07/90. Brasília: Ministério da Ação Social/ Centro Brasileiro para Infância e Adolescência, 1990.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

CECCIM, Ricardo B. et al. **Escuta pedagógica à criança hospitalizada**. In: CECCIM, Ricardo B.; CARVALHO, Paulo R. A (Orgs.) **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. p.76-84.

Direitos da criança e do adolescente hospitalizado. Diário Oficial, Brasília, 17 Out. 1995, seção 1, pp. 319-320

FONSECA. Eneida Simões. **Classe Hospitalar: ação sistemática na atenção as necessidades pedagógico - educacionais de crianças**. Artigo. Temas sobre Desenvolvimento, v.8, n.44, p.32-37, 1999.

FONTES, Rejane de Sousa. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital**. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Rev. Bras. Educ., Ago. 2005, nº29, p.119-138. ISSN 1413-2478.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, Atlas, 2002

GOLDENBERG, Mirian. **A importância da humanização do hospital: Brinquedotecas terapêuticas** Instituto Ayrton Senna. In: VIEGAS, D. Brinquedoteca hospitalar: Isto é humanização. 2. Ed. Rio de Janeiro: WAK, 2007. v.2, p.86-87.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos para Quê?** 4ª edição. São Paulo, Cortez, 2001.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar: A humanização integrando educação e saúde**. 6 ed . Petrópolis: Vozes, 2012.

PAULA, E. M. A. T. et all; **A importância da brinquedoteca no hospital como espaço lúdico e educativo**. : EDUCERE XII Congresso Nacional de Educação, 54 2007, p.3 Paraná. Anais... Paraná: PUCPR, 2007, p. 3. Disponível em: UNIESP. Edu. Br/sites/-Biblioteca/revistas/20170427174227.pdf

RODRIGUES JANINE. **Classes Hospitalares: espaço pedagógico nas unidades de saúde**. RJ.WAK Ed. 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. In VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução: Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2001.